

Dias Gomes, um Escritor

Dias Gomes se dizia homem do teatro, dramaturgo, que foi obrigado a ir para a televisão como autor de novelas devido à Censura, como já tinha sido obrigado a ir para o rádio como autor, locutor e executivo.

Neste trabalho, tentamos demonstrar que Dias Gomes era acima de tudo um escritor, um autor, que produziu textos para os veículos de comunicação de seu tempo, teatro, rádio, cinema e televisão. Dias Gomes produziu textos, sem se importar muito com outros quesitos do teatro, como cenários diferentes, figurinos arrojados, apoios modernos. Os adereços e a tecnologia serviam como apoio para seu texto. Como produtor de texto, sim, Dias Gomes foi absolutamente genial, inovador, levando para o teatro a problemática das mazelas sociais brasileiras, dando voz aos sem voz, aos despossuídos, aos excluídos, aos pobres, aos interioranos, aos nordestinos, aos favelados. Não estamos afirmando que foi o único a fazê-lo, mas foi um dos pioneiros, como também o foram Jorge de Andrade, Oduvaldo Viana Filho, o “Vianinha”, e Gianfrancesco Guarnieri – não por acaso todos ideologicamente marxistas, sendo Dias Gomes filiado ao Partido Comunista Brasileiro por muitos anos. Dias Gomes pode não ter sido o único a produzir tal tipo de texto, mas, com certeza, o fez com intenso brilho e extrema literariedade.

Como produtor de textos televisivos, novelas e minisséries, Dias Gomes foi um inovador, levando para a mídia eletrônica praticamente todo o arsenal do teatro e da arte de contar histórias acumulada no mundo ocidental durante quase três mil anos. Em *Roque Santeiro*, por muitos considerada sua principal obra, além do texto primoroso, há uma trilha musical que faz parte da história, que ajuda a contar a história, desde o *Abc do Santeiro*, composta por Sá e Guarabira, que conta a saga do herói, até a música *Mistério da Meia Noite*, que fala do lobisomem, objeto do medo e desejo do imaginário popular nacional. Em *Roque Santeiro*, o cego Jeremias, repentista nordestino e como tal descendente dos menestréis medievais, é o único que consegue ver a realidade na cidadezinha de Asa Branca, lembrando Tirésias, o cego vidente de *Antígona*, escrita por Sófocles,

há mais de dois mil e quinhentos anos atrás, único que consegue ver os erros que o rei Creonte está cometendo e quanto vai custar tais desacertos. Finalmente, em *Roque Santeiro*, nenhum personagem é o que parece ser, lembrando também por isso ainda mais os desfiles carnavalescos da Idade Média, como descreve Bakhtin.

A obra de Dias Gomes é vasta e diversificada, porém apresenta pelo menos duas obras excepcionais, uma a telenovela *Roque Santeiro* e a outra, uma peça de teatro, *O Pagador de Promessas*, não por acaso ganhador de vários prêmios internacionais. *O Pagador de Promessas*, a história do homem simples, Zé do Burro, que faz uma promessa a Iansã/Santa Bárbara, num terreno de candomblé, de levar uma cruz dentro de uma igreja da santa em Salvador, Bahia, por ela ter salvado seu burro Nicolau do ferimento de um raio que quase matou o animal, é comovente, não havendo como não se emocionar com o duelo que trava o protagonista com seus antagonistas, entre eles o dogmático Padre Olavo, que o impede de entrar na igreja católica com a pesada cruz. *O Pagador de Promessas* ganhou o mundo sendo encenada em várias línguas, inglês e russo entre elas, sendo depois transformada em filme, sob a direção de Anselmo Duarte, tendo conquistado a até hoje única medalha de ouro para o Brasil, no Festival de Cannes, em 1962.

Também importante foi a telenovela *O Bem-Amado*, que trata das dificuldades de um político baiano para inaugurar um cemitério de uma pequena cidade, Odorico Paraguaçu, o prefeito de Sucupira, no interior da Bahia, demagogo, populista, trapaceiro, desonesto, ao mesmo tempo carismático e envolvente, dono de um bom humor insuperável, manifestado principalmente através de um linguajar pseudo-intelectual, arresado e embolado, na base de uma sintaxe própria, com exemplos como “emboramente”, “confabulância sigilenta”, “imprensa marronzista”, “somentemente”. Odorico, latifundiário e coronel, fez sua plataforma eleitoral em cima da construção do cemitério de Sucupira, contando com o apoio incondicional de três irmãs solteironas, as Cajazeiras, que lhe dão voto em público e carinho íntimo em horas discretas. Eleito, Odorico cumpre a promessa e constrói o cemitério, em detrimento da educação e da saúde, só faltando um defunto para inaugurar a monumental obra, o que a natureza lhe nega sistematicamente, não morrendo mais ninguém na cidadezinha, nem nativos nem turistas. O campo santo torna-se, então, um elefante branco, sem nenhuma utilidade, onde crescem as ervas daninhas, sendo

combustível fértil para a oposição, pelo que Odorico resolve chamar de volta a Sucupira um cangaceiro famoso, o Capitão Zeca Diabo, filho da terra, que havia fugido há mais de vinte anos, depois de matar um coronel e seus filhos, que haviam violentado sua irmãzinha. Zeca Diabo, porém, é um bandido regenerado, que matou por vingança e depois para sobreviver, porém não mais quer matar, pois pretende salvar sua alma e ir para o céu, graças à fé que tem no perdão de Padim Ciço, o Padre Cícero, de Juazeiro. A regeneração do ex-bandoleiro é um pecado grave para os planos escusos do prefeito, que pretendia utilizar sua vocação assassina para inaugurar o cemitério. Ao final, o campo santo é inaugurado com o defunto do prefeito, morto pelo cangaceiro.

Nesta telenovela, escrita em forma de farsa, com sucesso extraordinário de audiência e crítica, o humor se baseia principalmente na inversão entre a vida e a morte, com a glorificação da morte e a crítica aos que não morrem, quando seriam mais úteis mortos ao prefeito do que vivos. O protagonista Odorico está muito mais para um anti-herói tipo Macunaíma, o herói sem nenhum caráter, que não poupará meios para inaugurar sua obra, inclusive os desonestos, pois entende que tal será um trampolim para, quem sabe, se lançar a novos vãos políticos, uma cadeira de deputado ou mesmo, por que não? a de governador do seu estado. Os personagens secundários não são menos brilhantes, dos quais podemos citar Dirceu Borboleta, secretário do prefeito e caçador de borboletas, um hilariante arquétipo do auxiliar aloprado do político brasileiro, e as Irmãs Cajazeiras, três irmãs solteironas, baluartes da moral e boa conduta, que devotam amor total ao prefeito, sem prejuízo de, na alcova, inverter seus próprios princípios, não tão rígidos assim.

O sucesso de *O Bem-Amado* na televisão foi tão grande que o autor, alguns anos depois, foi obrigado a ressuscitar Odorico Paraguaçu e produzir uma série semanal, cujo sucesso de público e crítica foi ainda maior, pois passou a ser abordados temas políticos da atualidade, transferidos de Brasília para Sucupira.

O enredo de *O Bem-Amado* já foi informado. Há outro aspecto que gostaríamos de salientar, que é a reciclagem de personagens e textos. Odorico é inicialmente uma peça que veio do teatro, *O Bem-Amado*, de 1962, onde fez um sucesso apenas relativo, tendo explodido na televisão. Um dos motivos foi, segundo o autor, em sua autobiografia, ter sido representado no palco por Procópio Ferreira, grande ator que, entretanto, não tinha o perfil para o papel,

enquanto que na televisão foi representado por Paulo Gracindo, dublê de autor e animador de programa de auditório, escolhido pelo próprio autor, que deu brilho inesquecível ao papel, saindo consagrado da telenovela e ao mesmo tempo, consagrando o personagem. Muitos dos que assistiram à telenovela e depois à mini-série, crêem na existência real de Odorico Paraguaçu, associando personagem e ator. Em termos de reciclagem textual, também Zeca Diabo veio de uma peça de teatro, escrita em 1943, que fez uma carreira sem nenhum brilho nos palcos. Dias Gomes juntou fragmentos das duas peças e fez uma novela de televisão que galvanizou a platéia nacional proporcionada pelo veículo eletrônico, em cima de um texto primoroso.

Bakhtin, em *A cultura popular na idade média e no renascimento*, analisando a obra de François Rabelais, vai colocar esse escritor ao lado de Dante, Boccaccio, Shakespeare e Cervantes entre os criadores da moderna literatura europeia. Isso não seria tão temerário não fosse Rabelais excluído da alta literatura devido ao seu texto cheio de palavrões, semi-palavrões, de ofensas, de imprecações em praça pública, de provérbios, de refrões, de ditos populares, do mundo dos tolos, do mundo dos loucos, dos risos populares, do carnaval, daquilo que o pensador russo chamou de “*realismo grotesco*”. Bakhtin entende que Rabelais captou melhor do que ninguém o espírito de rebeldia, de inconformismo que havia no riso, no humor popular do realismo grotesco, como forma de oposição dura e determinada, ainda que não declarada, ao conformismo oficial das regras sociais, onde tudo era pecado e heresia, suscetível de levar o autor à fogueira pelas mãos inexoráveis do Santo Ofício. Não podemos esquecer que o texto *Gargantua* foi escrito por Rabelais em 1500, final da Idade Média, mas também um dos auges da Inquisição. Era através do riso, especialmente no carnaval, que aflorava a oposição a um mundo onde tudo era desigualdade e submissão. Era através do cômico que o homem comum, do povo, especialmente no carnaval, extravasava sua radical oposição ao mundo medieval, já nos seus estertores, mas ainda com força, e abraçava o mundo moderno, que se iniciava nos anos 1500.

Vamos procurar demonstrar que Dias Gomes vai utilizar o mesmo instrumento do riso, do humor, da comicidade, na maioria de suas peças teatrais e principalmente nos textos produzidos para a televisão, como *O Bem-Amado e Roque Santeiro*.

A discussão sobre a eventual literariedade de texto produzido para a televisão perde muito do seu sentido quando sabemos que Shakespeare, considerado um dos maiores escritores da história, e mesmo o maior de todos os tempos para alguns, como o teórico norte-americano Harold Bloom, também produziu textos para o principal veículo do seu tempo, o teatro, nos anos 1600, e que os textos a nós legados, foram devidamente alterados pelo autor, que levou em consideração as observações feitas pelas platéias que assistiam as peças no teatro.

Assim, o fato de a novela televisiva ser uma obra em aberto, sofrendo alterações conforme a opinião dos telespectadores manifestada em pesquisas de audiência está longe de ser uma novidade ou de impossibilitar sua classificação como obra de arte. Da mesma forma, o entretenimento fornecido pela telenovela a grande massa nos dias atuais, divertindo e entretendo, não é diferente do teatro shakespeariano, que oferecia também entretenimento e diversão, só tendo passado à história pela sua qualidade literária, só se tornando muitos anos depois, aquilo que denominamos clássico.

É necessário lembrar que Shakespeare incorporou a seus textos teatrais elementos de lendas e ditos populares, assim como personagens arquetipos do seu tempo, como também o fez Cervantes e vai vir a fazê-lo nosso Dias Gomes, de quem podemos citar como exemplo o político populista, com linguagem falsamente sofisticada, o beato, o milagreiro, a dona de cabaré, o padre conservador, o padre progressista, o lobisomem, a virgem histórica.

Dias Gomes, em quase todos os seus textos, vai sempre colocar um viés de comicidade, nem sempre claramente percebido, mas sempre presente. Em *O Pagador de Promessas* é tristemente cômico ver o protagonista Zé do Burro, com toda a universal simpatia que nos desperta desde o início, logo que chega na cidade grande, se tornar um marido traído. Não menos cômico ainda é ver que sua mulher Rosa, que se perde de desejo carnal pelo rufião Bonitão, jogar nas costas de Iansã/Santa Bárbara a culpa do seu próprio adultério - “Santa Bárbara me usou para pôr você à prova” (GOMES: 2005, 66). Em *O Bem-Amado* é impossível não rir com a postura intransigentemente humorística do Prefeito Odorico Paraguaçu, com seu linguajar rebuscado e supostamente sofisticado, que se manifesta a todo o momento, na sua busca incansável por um cadáver para poder inaugurar a obra máxima e única de sua gestão. Odorico Paraguaçu é um

dos mais completos canalhas surgidos no imaginário da literatura brasileira, que, no entanto, ganha a simpatia geral exatamente pelo seu humor. Odorico não perde chance de ser engraçado, nos piores ou nos melhores momentos, incorporando em si uma grande característica do homem brasileiro, que é o de fazer piadas com qualquer assunto, inclusive os mais sérios, os mais sagrados, os mais inesperados. Esse linguajar, para cuja criação Dias Gomes vai confessar que se inspirou inicialmente em um governador do antigo estado da Guanabara, o político Carlos Lacerda, um orador hiperbólico, mas no qual foi incorporando outras características e outros trejeitos, o fez único e ao mesmo tempo representante de grande parte dos políticos brasileiros do interior do Brasil, que falam empolados exatamente para nada dizerem. Efetivamente, a sempre buscada e sempre adiada inauguração do cemitério de Sucupira é um grande achado para se rir, se glorificando a morte e se desprezando a vida. Como se sabe, escrever de uma forma única que ao mesmo tempo seja também universal é uma das características do escritor de talento.

Na peça *O pagador de promessas*, que Dias escreveu e reescreveu várias vezes, reelaborando as razões de Zé do Burro para se opor ao dogmatismo bem intencionado do Padre Olavo, seu oponente, logo do início há um personagem, o rufião Bonitão, que seduz a esposa do protagonista, mas some no final. Questionado por Flavio Rangel, o diretor da peça, porque Bonitão não aparece no último ato, Dias Gomes esclarece que o personagem sumiu sozinho, deixando claro que a peça era uma discussão sobre mundos e visões diferentes e não simplesmente um adultério como tantas já escritas.

Dias Gomes foi um mestre das palavras, sabendo conjugá-las com as imagens, os sons e a tecnologia da televisão, sendo *Roque Santeiro* seu melhor fruto. A escrita de Dias Gomes é tão qualificada que seus personagens ganham vida própria, parecendo natural que o Zé do Burro seja tão puro quanto traído, que Odorico seja tão amado quanto corrupto, que Roque tenha que partir para o lugar onde se escondeu para o bem geral do povo, que este seja tão alienado quanto o herói é falso, que Porcina escolha Sinhozinho Malta, que Malta mande matar várias pessoas em nome da paz e do progresso da cidade que ele ama, defende e ao mesmo tempo lhe proporciona lucro e prestígio.